

ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA

Esclarecimentos sobre os planos de aulas:

O Departamento de Evangelização da Criança da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora prepara planos de aulas para crianças de 03 a 12 anos de idade, assim distribuídas:

Pré-Jardim	“A” e “B”	03 e 04 anos.
Jardim	“A” e “B”	05 e 06 anos
I Ciclo	“A” e “B”	07 e 08 anos
II Ciclo	“A” e “B”	09 e 10 anos
III Ciclo	“A” e “B”	11 e 12 anos

Neste Site estão os planos de aulas para o I, II e III Ciclos.

Além das aulas do II Ciclo, há figuras coloridas do II Ciclo “B”, que poderão substituir as que estão com o texto, caso o Evangelizador deseje imprimi-las a cores.

No momento, só temos essas figuras coloridas.

À medida que forem sendo coloridas, inseri-las-emos no Site.

Estamos trabalhando para tê-las todas.

As aulas para o Jardim e Pré-Jardim ainda não estão digitadas e escaneadas, não podendo, por isso ser gravadas em CD. Por enquanto, só podemos fornecê-las em cópias xerox, mediante pedido, e o ressarcimento do valor das cópias xerográficas (988 folhas), acrescido do porte postal.

Pedidos à Secretária do Departamento de Evangelização da Criança

Élida M. Mendonça

Rua Moraes e Castro, 696 – ap. 304

São Mateus

36025-163 Juiz de Fora MG

(0XX32) 3232-8081

Qualquer dúvida, dirija-se a

José Passini

(0XX32) 3232-3044

Juiz de Fora MG

pasinijose@yahoo.com.br

jose.passini@gmail.com

IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO / EDUCAR COM JESUS

“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar.”

1 Co, 1: 17

Nas várias religiões cristãs, o termo evangelizar define o entendimento e a aplicação dos ensinamentos contidos no Novo Testamento de modo particular. No Espiritismo, essa particularidade se revela na ênfase que é dada à vivência, à exemplificação dos ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos, não só nos momentos de prática religiosa, mas em todas as situações de sua vida.

O próprio conceito de religião foi modificado a partir dos ensinamentos de Jesus. Com Ele, aprende-se que religião não é algo mágico a ser vivenciado no interior dos templos. Não mais aquela idéia de que religião é prática mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas levadas a efeito no interior das assim chamadas “Casas de Deus”. Religião, conforme seus ensinamentos e, principalmente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de se relacionar com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o universo, alargou os limites dos templos, transformando o mundo num templo imenso: “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo, 14: 2).

Jesus libertou a criatura humana da necessidade do comparecimento ao templo, a fim de ali encontrar-se com Deus. O Mestre jamais convidou alguém a orar num templo. Pelo contrário, quando a Samaritana manifestou-se no sentido de adorar a Deus no Templo de Jerusalém, o Mestre desautorizou tal atitude, dizendo-lhe: “Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade.” (Jo, 4: 21 e 24). Para Jesus não havia santuários, lugares especiais. Seus ensinamentos, suas curas, suas orações sempre foram levados a efeito onde quer que ele se encontrasse.

Entretanto, uma concepção religiosa libertadora não agrada àqueles que desejam exercer o poder religioso, dominando consciências. Estes procuram conservar a religião como algo mágico, místico, extático, complexo a ponto de a ela só terem acesso os doutos e os sábios, pessoas pretensamente especiais, que estariam mais habilitadas a intermediarem as mensagens das criaturas ao Criador. Jesus concedeu carta de alforria à Humanidade, em relação à intermediação sacerdotal, ao informar a criatura humana de que ela tem o direito legítimo e inalienável de se comunicar com seu Criador, diretamente, em qualquer lugar onde se encontre: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará.” (Mt, 6: 6).

Ele foi crucificado exatamente pela coragem de contrapor-se ao poderio sacerdotal, àquela verdadeira ditadura religiosa.

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir, conforme ensinou no Sermão do Monte: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...).” (Mt, 5: 16). Toda a mensagem religiosa do Mestre fundamenta-se no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios: “(...) e então dará a cada um segundo as suas obras.” (Mt, 16: 27).

Sua mensagem é um verdadeiro desafio, no sentido de transcender os limites da lei antiga, que preconizava “olho por olho, dente por dente”: “(...) se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mt, 5: 20). “Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; (...).” (Mt, 5: 42 e 43).

Como educador que foi, Jesus não desejou discípulos passivos, encantados, deslumbrados. Pelo contrário, sempre buscou tocar o sentimento, juntamente com o apelo para que a criatura raciocinasse, a fim de saber, de compreender porque deveria agir desse ou daquele modo.

O Sermão da Montanha, que para muitos é apenas um hino ao sentimento, é, também, uma vigorosa mensagem à inteligência, ao raciocínio: “E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus dará bens aos que lhos pedirem?” (Mt, 7: 9 a 11).

Entendendo que o sistema pedagógico de Jesus fundamenta-se no binômio sentimento/razão, o Espiritismo ensina que a evangelização não se restringe unicamente ao campo do sentimento, pois a fé raciocinada começou, inquestionavelmente, com Jesus: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt, 6: 26). Ao ensinar a criatura a não criar fantasias sobre a fé, mostra a linha divisória entre aquilo que deve ser objeto da preocupação do homem, e o que deve ser entregue a Deus, perguntando: “E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (Mt, 6: 27).

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os

gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mt, 6: 7). Nem através de oferendas ou bajulações: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.” (Mt, 5: 23 e 24).

No Seu trabalho educativo do Espírito humano, Jesus mostrou a importância do bom relacionamento com o próximo como caminho para Deus, conforme bem entendeu o Apóstolo João, que registrou: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I Jo, 4: 20).

Mas, com o passar dos tempos, o eixo da mensagem cristã foi-se desviando, saindo da área do estudo, da meditação à luz da oração consciente, passando às práticas exteriores.

Essas verdades religiosas simples, que estiveram ao alcance de humildes pescadores, de viúvas e de deserdados, foram, com o passar do tempo, relegadas a segundo plano, tendo sido postos em primeiro lugar o ritual, a solenidade, o manuseio de objetos de culto, a vela, o vinho, a fumaça, os cantochãos, todo um conjunto imenso de práticas exteriores alienantes, buscadas no judaísmo e no paganismo romano, que distanciavam o homem cada vez mais do esforço de auto-aprimoramento preconizado por Jesus.

Infelizmente, os pronunciamentos libertadores de Jesus não foram objeto de estudo pelos teólogos, que criaram as liturgias, os sacramentos, e, pior ainda, a hedionda teoria das penas eternas, desfazendo a imagem do Deus Misericordioso, tão bem delineada pelo Mestre.

A mensagem cristã foi apequenada, podada, enxertada por aqueles que dela se apossaram, construindo uma religião atemorizadora e salvacionista, com base em atitudes místicas e na crença de que seria o sangue de Jesus o remissor dos pecados da Humanidade. Foi enfatizada a adoração extática a Jesus-morto, em detrimento do esforço em seguir Jesus-vivo. Evangelizar passou a significar o encaminhamento da criatura ao interior dos templos, onde deveria assumir uma atitude inteiramente passiva, ficando no aguardo das bênçãos de Deus, que seriam conseguidas através de rezas intensamente repetidas.

Mas, o Mestre, conhecedor da fragilidade humana, sabia que, de alguma forma, isso iria acontecer, por isso, prometeu o Consolador: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (Jo, 14: 26)

Cumprindo sua promessa, enviou-nos o Espiritismo, que não é apenas mais uma religião cristã, mas o próprio Cristianismo Primitivo, que ressurgiu na sua pureza, pujança e objetividade originais, destacando-se das demais religiões, pelo menos das do Ocidente, pelo seu aspecto altamente educativo.

Dentro dessa perspectiva, fica claro que evangelizar, na concepção espírita, tem um sentido muito mais amplo do que aquele que é entendido por outras correntes cristãs, pois tem como componente básico, indissociável, o elemento educação.

Evangelizar, na conceituação espírita, representa não só informar alguém a respeito da vida, dos ensinamentos e dos exemplos de Jesus, mas, principalmente, conscientizar a respeito da necessidade da aplicação constante desses conhecimentos teóricos à vida diária.

A evangelização, assim compreendida, não se dá num determinado período de tempo: é um processo contínuo de despertar da criatura para a necessidade do esforço, no sentido de promover a sua transformação moral, numa busca de auto-aprimoramento, que se inicia num determinado momento da vida, mas que não tem data alguma que lhe marque o fim.

José Passini

passinijose@yahoo.com.br

CARACTERES DO ESPÍRITO EM SUA NOVA ENCARNAÇÃO

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (O L. E., item 383)

Conta-se que certa vez, uma mãe perguntou a um eminente educador quando deveria começar a educar seu filho, e ele, respondendo, perguntou-lhe a idade da criança.

– Um ano, respondeu-lhe a mãe.

– Então você já perdeu um ano, sentenciou o educador.

Se esse educador fosse espírita, certamente diria que a mãe já tinha perdido um ano e nove meses, pelo fato de já estar o Espírito reencarnante junto da mãe, desde a concepção, registrando seus pensamentos e estados emocionais, conforme ensinamento dos Espíritos, que é hoje fato comprovado em sessões de terapia em que é praticada a regressão de memória.

O conhecimento da reencarnação muda completamente a perspectiva do educador. A criança, na visão espírita, não é aquele ser “recém-saído das mãos do Criador”, herdeiro das características físicas e morais de seus antepassados, próximos ou remotos. Embora acreditando na herança recebida dos pais, algumas escolas psicológicas do passado, viam a criança quase como uma massa amorfa que poderia ser moldada ao gosto do educador.

No Espiritismo aprendemos que a criança é um Espírito imortal, viajor da Eternidade, que retorna às lides terrenas para continuar o seu processo evolutivo, herdando de seus antepassados apenas os traços físicos, conforme se lê em “O Evangelho segundo o Espiritismo”: *“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.”* (cap XIV, item 8)

Por aí se percebe que a educação espírita tem um enfoque diferente, por reconhecer na criança um Espírito que não está começando a sua jornada de imortalidade, mas que está num trecho do caminho do aperfeiçoamento. Tudo aquilo que pertence ao campo intelecto-moral ele herda de si próprio; é o seu acervo acumulado vagarosamente, ao longo dos milênios sucessivos

Em sua nova encarnação, o Espírito não perde suas aquisições do passado, nem as do campo moral, nem as do campo intelectual. Sua bagagem permanece encerrada no cofre do esquecimento, em nada, ou em quase nada influenciando em suas reações nos primeiros tempos de vida física.

Se observados, os recém-nascidos reagem de maneira uniforme, porque neles prevalece a natureza animal. Mas, à medida que o corpo lhe permite, vai o Espírito, vagarosamente, emergindo do mergulho na matéria, revelando, pouco a pouco, características próprias.

Numa nova etapa da sua caminhada evolutiva, sempre com fins educativos, o Espírito pode encarnar num corpo que não lhe permita acesso a toda a sua bagagem intelectual, o que não significa perda de suas aquisições. Todo o seu acervo intelectual continua com ele, e ele poderá acessá-lo no seu retorno ao Mundo Espiritual, ou numa nova encarnação, desde que cessadas as causas da restrição que sofreu. Entretanto, tudo aquilo que já desenvolveu no campo do sentimento, da moral, da ética – esse acervo, o acompanhará sempre, em qualquer situação em que se encontre. Assim, o Espírito nem sempre revela toda a sua bagagem cultural numa encarnação, mas sempre dará notícia de quanto já percorreu os caminhos apontados pelo Evangelho.

José Passini

passinijose@yahoo.com.br

COMO OS IMPULSOS DO PASSADO REAGEM AOS ESTÍMULOS DO PRESENTE

Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era.” (O L. E., item 385)

O Espírito reencarnado reage aos estímulos do meio em que se manifesta, de acordo com o degrau da escala evolutiva em que se encontra. Sabe-se que quanto mais evoluído é o Espírito, tanto menos será influenciado pelo ambiente em que foi levado a viver. Tome-se como exemplo certas reações de Paulo – um dos Espíritos mais evolucionados que a Terra conheceu –, que não conseguiu forrar-se de todo às influências do Judaísmo, que funcionaram, desde a infância, como estímulos à tomada de determinadas atitudes que, certamente, se tivesse encarnado em meio cristianizado, não as tomaria. Nesse particular, deve ser ressaltada a independência absoluta de Jesus às influências do meio em que viveu. É o único Espírito, encarnado na Terra, em quem não se detecta qualquer atitude equivocada, que teria sido tomada em função de estímulos gerados no meio social em que se manifestou.

O conhecimento da reencarnação facilita grandemente o trabalho de evangelização por conscientizar o evangelizador de que a criança a quem deve passar os nobres conceitos da Doutrina Espírita é um Espírito imortal, que já escreveu inúmeras páginas no livro da vida, páginas essas que constituem a sua bagagem pessoal. Ao retornar à Terra, um Espírito de mediana evolução, experimenta um verdadeiro confronto do seu acervo intelecto-moral com os estímulos, positivos ou negativos, do meio social que o acolhe nessa nova experiência..

Tendo consciência dessa realidade, o evangelizador compreenderá as diferentes reações individuais observadas em crianças de uma mesma faixa etária, de uma mesma família, mesmo no caso de gêmeos. Com essa visão, estará, o evangelizador, preparado a diversificar seu discurso, adequando-o – não quanto ao conteúdo, mas quanto à forma – às reações mais diversas, porque as informações passadas ao evangelizando vão, inexoravelmente, confrontar-se com a bagagem que ele traz, do seu passado próximo ou remoto.

Daí a necessidade de se levar à criança, o mais cedo possível, os esclarecimentos e os estímulos que o Espiritismo propicia, nessa fase em que ela está mais acessível, quando o seu passado ainda está bem adormecido. Nessa oportunidade, é possível levar-lhe ensinamentos novos, que não encontrarão maior resistência para serem gravados de modo indelével na sua consciência. Esses conceitos poderão ser deixados de lado na adolescência ou na juventude, mas um dia, ainda nesta encarnação ou no Mundo Espiritual por certo ressurgirão, oferecendo um direcionamento ao Espírito que se desencaminhou.

O educador verdadeiramente espírita estará sempre preparado para reações variadas, e até adversas, da parte dos evangelizados – e elas serão cada vez mais evidentes, à medida que aumentem em idade. Muitos Espíritos só deixarão de reagir negativamente mais tarde – em época que varia muito –, quando, mais amadurecidos, talvez até com o concurso da dor, fizerem germinar as sementes recebidas com os risos da infância, não raro, infelizmente, agora umedecidas pelas lágrimas.

José Passini

passinijose@yahoo.com.br

Evangelizar os pequeninos é iluminar consciências

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir aqueles incumbidos de educá-lo”

(O L.E., 383)

A visão que se tem da criança pela ótica espírita difere fundamentalmente da que é sustentada pelas doutrinas que pregam a unicidade da existência corpórea. Para essas correntes de pensamento religioso, a criança traz, ao nascer, apenas os ascendentes biológicos, que seriam herdados dos antepassados, próximos ou remotos. A concepção espírita difere, também, de outras doutrinas reencarnacionistas que consideram a volta do Espírito ao mundo material apenas com fins punitivos ou, quando muito, para o cumprimento de uma missão.

O Espiritismo não nega a reencarnação missionária, e ensina que aquilo que é visto como punição é apenas o funcionamento da lei de causa e efeito. Entretanto, vai além, ampliando a compreensão da própria vida, ao revelar o aspecto evolutivo da reencarnação.

Vista sob essa ótica, a criança é um Espírito imortal, detentor de imensa bagagem de experiências vivenciadas em outras épocas, herdeira de si mesma, que retorna à Terra a fim de adquirir novos conhecimentos e, principalmente, de reformular sua maneira de proceder, ajustando-a, tanto quanto possível, aos postulados do Evangelho de Jesus. Assim, aprendemos, no Espiritismo, que reencarnamos para prosseguirmos a nossa jornada evolutiva. Ao responderem a Kardec a respeito da utilidade de passar pelo estado de infância, os Espíritos Superiores atribuíram a responsabilidade da execução dos procedimentos educativos, não só aos pais, mas a todos aqueles que têm oportunidade de propiciar à criança ensinamentos e exemplos que a ajudem a adquirir novos conhecimentos e a reformular seu modo de proceder, ou seja, de reeducar-se através do esforço consciente, no sentido de exteriorizar sua luz, herança divina de que todos os Espíritos somos dotados, conforme ensinamento de Jesus (Mt, 5: 16).

Dentre esses “incumbidos de educá-lo”, conforme expressão dos Espíritos, estamos nós, evangelizadores da infância, ligados a esses irmãos recém-chegados do Mundo Espiritual, não pelos laços da consangüinidade nem do parentesco físico, mas pelos mais sagrados elos da nobre tarefa que assumimos perante o Evangelizador Maior. Entendemos, assim, que fomos admitidos num trabalho que é continuação daquele iniciado no Mundo Espiritual, na preparação do Espírito para sua volta às lides terrenas. Ao considerarmos a Escola Espírita de Evangelização como um Posto Avançado do Mundo Espiritual, devemos meditar sobre a extensão e a responsabilidade da tarefa que nos é atribuída.

Conscientes dessa grave responsabilidade, qual seja a de iluminar consciências, urge que nos preparemos convenientemente através da oração sincera, da meditação serena, do estudo edificante, a fim de que nossa palavra, portadora de carga magnética gerada na convicção profunda, e não apenas na informação superficial, possa tocar os pequeninos, pois quem não está convencido do que diz raramente consegue convencer alguém. Como exemplo, é oportuna a lembrança das palavras do Benfeitor Alexandre, citadas no livro “Missionários da Luz”, à página 311: “O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe a grandeza em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã.” Desse modo, a palavra suave, embora firme, nos abrirá as portas do entendimento da criança, propiciando-nos oportunidade à sementeira das lições do Evangelho, agora explicado à luz da Doutrina Espírita.

Devemos ter consciência de que a Escola Espírita de Evangelização – chamada afetivamente de “escolinha” – é, malgrado o pouco tempo de que dispomos para o convívio com a criança, apesar da incompreensão da maioria dos dirigentes de centros espíritas, e das dificuldades materiais, a escola que mais esclarece no mundo, aquela mais propícia à implantação dos tempos novos, face aos ensinamentos libertadores, capazes de levar o evangelizando a uma mudança de mentalidade, que o capacitará a colaborar efetivamente na implantação de uma sociedade mais justa, mais fraterna, dos tempos novos, conforme preconizam os Espíritos.

Importa seja lembrando também que o Espiritismo, ao trazer-nos de volta os ensinamentos de Jesus, na sua simplicidade, objetividade e pujança originais, tira-nos aquele sentimento místico do comparecimento ao templo – assim chamado *casa de Deus* – e nos revela o mundo como oficina da nossa vivência religiosa, portanto do nosso aperfeiçoamento. Tira-nos, também, outro referencial religioso, além do templo, qual seja a figura do sacerdote, do pastor, do guru.

Tendo isso em mente, devemos meditar sobre o que representamos para a criança, que nos observa efetivamente como referencial religioso, embora nos empenhemos em mostrar-lhe as figuras veneráveis

que, através dos tempos, têm trazido suas contribuições para a iluminação da criatura humana, no que se destaca a figura maior de Jesus.

Assim pensando, devemos nos empenhar, com toda a força do nosso entendimento, no sentido de nos aprimorarmos cada vez mais para a execução do nosso trabalho junto à criança. Esse aprimoramento envolve três aspectos principais, que devem ocupar o primeiro plano das preocupações do evangelizador: *o pensar, o sentir e o fazer*.

O pensar nos leva à reflexão, à conscientização plena do valor do nosso trabalho. Quando meditamos sobre nossa atuação no setor de evangelização infantil, devemos avaliar o nível do nosso comprometimento com a tarefa; que espaço ela ocupa em nossa mente; quantas horas por semana dedicamos ao preparo da mensagem que levaremos à criança, que espera de nós a orientação a fim de que caminhe com segurança neste mundo tão conturbado em que vivemos. Sem que nos julguemos grandes missionários ou Espíritos iluminados, é justo que tenhamos consciência da relevância e do valor da tarefa a que nos dispomos, ainda que a nossa turma de evangelizados seja pequena, que seja “turma” de um só! E quando nos assalte dúvida a respeito da validade do nosso esforço, devemos nos lembrar de que no trabalho mediúnicamente desobsessivo – que deveria denominar-se “evangelização do desencarnado” – um grupo de várias pessoas se empenha, às vezes durante muito tempo, no encaminhamento de um único Espírito que trilha caminho equivocado, não raro por não ter sido evangelizado na infância.

Aos serem examinados os resultados das tarefas desenvolvidas nas instituições espíritas, fica evidente que a Evangelização da criança é a atividade mais importante, de vez que beneficia o Espírito desde a fase infantil, influenciando seu proceder, dando-lhe diretrizes que o ajudarão não só nesta sua passagem pela Terra, mas que servirão como farol a iluminar-lhe a consciência em sua vida de Espírito imortal. Por isso é que, embora reconhecendo o valor das outras tarefas desenvolvidas nos centros espíritas, chega-se facilmente à conclusão que a Evangelização da Criança deveria ter primazia, deveria ser atividade olhada com a maior responsabilidade por parte dos dirigentes das instituições espíritas, por ser a encaminhadora do Espírito, numa verdadeira continuação do trabalho iniciado no Mundo Espiritual, durante os preparativos para sua volta.

É a consciência profunda do insubstituível valor da tarefa que nos deve alentar nos momentos de desânimo, quando a incompreensão dos dirigentes da casa onde trabalhamos, a falta de espaço físico, de material apropriado, a falta de cooperação dos próprios pais, as dificuldades com a criança, todas essas dificuldades quiserem nos tirar dessa seara bendita a que fomos convocados.

O Evangelizador deve empenhar-se, também, no desenvolvimento da sua capacidade de *sentir*. Todos temos em nós o amor, em estado de latência. Essa herança divina, que se revela através dos séculos sucessivos, pode ter sua exteriorização acelerada pelo esforço consciente da criatura. E o Evangelizador é desafiado ao esforço de amar, pois quem não ama não tem condição de suscitar nos pequeninos o desejo de amar. O *pensar* é muito importante, imprescindível mesmo. Mas o pensar sem o sentir pode levar-nos a uma postura muito fria, muito calculada que, embora matematicamente certa dentro dos parâmetros meramente pedagógicos, vistos do ângulo acadêmico, não se coaduna com o espírito do trabalho de evangelização, que deve primar pelo incentivo ao desenvolvimento das virtudes preconizadas pelo Evangelho.

Dentro dessa visão, o nosso *fazer* nos aponta o caminho do esforço na preparação das aulas, no que tange ao conteúdo a ser ministrado, ao material a ser usado, mas, principalmente, o caminho do esforço da preparação da nossa capacidade de sentir, de amar, iluminando-nos para que possamos iluminar consciências.

José Passini
passinijose@yahoo.com.br